

QUANDO OS SERINGUEIROS FALAM: O TRABALHO NOS SERINGAIS E CONVOCAÇÕES PARA OS COMBATES PELA POSSE DO ACRE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

WHEN THE RUBBER TAPPERS SPEAK: THE WORK
IN THE RUBBER PLANTATIONS AND CALLS FOR
THE FIGHTING BY THE POSSESSION OF THE ACRE
IN THE BEGINNING OF CENTURY XX

Daniel da Silva Klein¹

Endereço: Universidade Federal do Acre, Rodovia BR 364, Km 04,
Distrito Industrial, Rio Branco- Acre, CEP: 69920-900.
E-mail: danieldasilvaklein1984@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as falas dos seringueiros sobre como chegaram ao vale do rio Acre e de que maneira tomaram parte nas lutas pela posse dessas terras, tratando de elaborar uma análise narrativa de microhistória. Utilizou-se como base documental fichas historiográficas elaboradas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Acre, que foram confrontadas com fontes complementares tais como relatórios governamentais, séries estatísticas e jornais. As posições desses trabalhadores lançam críticas a respeito dos seus patrões, os seringalistas, e os mundos dos trabalhos onde estavam envolvidos. Dessa forma, pretende-se ampliar os campos de investigações historiográficas sobre uma parte significativa da Amazônia brasileira.

Abstract: This article aims to discuss the tappers'talk about how they came to the Acre river valley and how they took part in the struggles for possession of these lands, trying to elaborate a narrative analysis to a microhistory. Historiographic records prepared by the Historical and Geographical Institute of Acre were used as a documentar base, which were compared with complementary sources such as government reports, statistical series and newspapers. The positions of these workers are critical of their bosses and the worlds of the Jobs where they were involved. Thus, it is intended to expand the fields of historiographic research on a significant part of the Brazilian Amazon.

Palavras-chave: Seringueiros; Acre; Microhistória.

Keywords: Tappers; Acre; Microhistory.

¹ Graduado em História (2006), Mestre em Letras (2010), ambos pela Universidade Federal do Acre, onde é docente da Área de História desde 2009. Doutor em História (2013) pela Universidade de São Paulo.

Introdução

Os conflitos pela posse das terras acreanas envolveu o Brasil, Bolívia e Peru. Nesses três países as histórias contam essas lutas de diversas maneiras, mas aquelas que tomaram mais folego são as que focam nos chamados personagens centrais. Leandro Tocantins, Craveiro Costa e Genesco de Castro², pelo lado brasileiro, são os autores que fundamentaram a noção de revolução acreana em torno da figura do líder Plácido de Castro.

Vários movimentos foram feitos entre os anos finais do século XIX e início do XX pelos seringalistas brasileiros instalados no vale do rio Acre com o objetivo de expulsar o governo boliviano da região para, enfim, entregar essas terras à administração brasileira. Tocantins, Costa e Castro nos contam que esses conflitos fazem parte de um movimento coeso com começo, meio e fim orientados pelo nacionalismo dos líderes seringalistas identificados como pioneiros, desbravadores, oficiais de primeira linha e etc que efetivaram, portanto, essa revolução acreana.

Os documentos de época como relatórios diversos e reportagens de jornal demonstram narrativas que seguem a lógica dessa historiografia, ou seja, apresentam as versões desses líderes. Há nessas fontes, contudo, algumas passagens filtradas onde percebem-se as vozes dos seringueiros ou pessoas humildes sobre esse período, mas são apenas citações breves.

Em 10 de setembro de 1948 foi promulgada a lei n. 380³, que previa o pagamento de uma pensão aos soldados que tomaram parte nessa chamada revolução acreana. Os seringalistas que formaram um exército particular contra os bolivianos e se autoneameavam oficiais de diversas patentes, foram incorporados pelo Brasil e passaram a receber as pensões correspondentes logo após 1903, com o término dos conflitos. Os seringueiros, por sua vez, foram obrigados a se transformarem em soldados pelos seus patrões, lutaram em determinados combates e, após a anexação do Acre ao Brasil, desmobilizados e mandados de volta para os seringais.

Com a referida lei de 1948, porém, puderam requerer um pequeno soldo a partir de processos judiciais onde tinham de provar que lutaram nos combates. Essas provas deveriam ser reconhecidas pelo Instituto Histórico de Geográfico do Acre, que elaborava uma ficha histórica comprovando esses dados.

Essas fichas são, portanto, os documentos mais diretos que dispomos dos seringueiros sobre suas participações nesses contextos todos. As fichas eram feitas a partir da compilação de entrevistas que eram realizadas com eles e contavam um

2 CASTRO, Genesco de. O estado independente do Acre e José Plácido de Castro: excertos históricos. Rio Branco: Fundação Cultural, 1998; COSTA, Craveiro. A conquista do deserto ocidental. Rio Branco: Fundação Cultural/Ministério da Cultura, 1998; TOCANTINS, Leandro. Formação histórica do Acre. Volumes 1 e 2. 4 ed. Brasília: Senado Federal, 2001.

3 Lei Federal n. 380 de 10 de setembro de 1948.

roteiro: deveriam dizer como chegaram no Acre, onde trabalhavam, quem eram seus patrões, como foram arregimentados e em quais combates tomaram parte nas lutas pelo Acre. Propomos fazer, com esses documentos, uma análise narrativa sobre como se dava a chegada dos seringueiros nos seringais e de que maneira eles foram convocados para lutarem na chamada revolução acreana.

As fichas podem ser encontradas no Centro de Documentação e Informação Histórica da Universidade Federal do Acre ou no acervo do advogado Aduardo Assef doado ao Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Acre. Para este trabalho foram utilizados as fichas históricas desse segundo conjunto.

Utilizaram-se aqueles que contém as fichas do referido instituto histórico e englobam os seguintes veteranos: José Felipe Nery, José Carneiro Figueiredo, Alfredo Alves de Cordeiro, João José de Castro, José Felipe Nery, João Pereira do Nascimento, Euclides Ferraz Viana, José Henrique Jinkings, Francisco Batalha Filho, Manoel de Lima Amorim. Esses seringueiros prestaram seus depoimentos entre 1973 e 1974, quando eram idosos com mais de oitenta anos e autodeclarados pobres perante a justiça.

Chama a atenção é que mesmo tendo passado mais de vinte anos da edição da lei, a maioria desses homens sequer tinham conhecimento de seu direito e estavam entrando na justiça tardiamente para requerer a pensão. Euclides Viana, por exemplo, dizia que só entrou com seu pedido em novembro de 1973 porque simplesmente desconhecia a existência desse benefício⁴.

Esse presente texto, portanto, não pretende escrever uma história conforme os historiadores tradicionais, mas enfatizar que as falas dos seringueiros demonstram outros fazeres sociais, ou seja, que os contextos são constituídos de várias maneiras e, no fundo, podemos ler as críticas contundentes deles a respeito das conduções operadas pelos seringalistas. Nesse sentido o debate proposto é com a microhistória, colocando o trabalho no ramo social desse experimento metodológico, mas debatendo com alguns de seus expoentes. Não se pretende elaborar com isso uma análise multifolheada como a proposta por Jacques Revel⁵, tendo em vista que essa tende a se limitar em constatações de que os tempos são multifacetados.

O canto da sereia a respeito do trabalho nos seringais

Os relatos dos próprios seringueiros demonstram que foram convencidos para trabalharem no corte do látex e produção da borracha no Acre, mas após os anos de trabalho dentro das matas viram que aquela sedução inicial não condizia com as duras condições que tinham pela frente. A execução da cadeia de aviamento entre

4 Ofício de Euclides Ferraz Viana ao Ministério da Justiça de 11/11/1973.

5 REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p. 14.

seringalistas e seringueiros continuava, mas isso não significa que ela estivesse isenta de fraturas.

Do grupo de seringueiros que levantamos, todos chegaram ao Acre entre os anos de 1896 e 1902 e esses numerosos trabalhadores eram arregimentados através de diversas redes pelas capitais e interiores do nordeste brasileiro, região preferencial de onde vinham. José Felipe Nery conta que em 1900 conheceu em Recife o coronel Honório Alves, que lhe apresentou as terras acreanas como um lugar de oportunidades, todas capazes de oferecer fartos ganhos econômicos. Afirma que na época tinha apenas dezoito anos e estava sem qualquer recurso para sua sobrevivência e

“foi informado por seringalistas que sempre permaneciam naquela terra, muitos deles em busca de saúde em visita a parentes ou mesmo rever a boa terra fazendo turismo, se refazendo das lutas quotidianas, muitas vezes aliciando nordestinos para o trabalho na extração do látex, quando foi influenciado para trabalhar no Acre, onde havia muitas possibilidades para ganhar dinheiro, com possibilidades de retornar a terra natal com algum recurso, sem ser pesado aos seus familiares, a exemplos de outros conterrâneos que aqui estiveram e voltaram com capital para se estabelecerem no Recife ou no interior de Pernambuco. Empolgado pelos cantos das sereias através de informações colhidas, José Felipe Nery viajou por conta do Coronel Honório Alves das Neves”⁶.

Nery apresenta, portanto, uma narrativa emblemática sobre como eram os processos de contratação da força de trabalho dos seringueiros, demonstrando com acuidade o contexto de propaganda que os seringalistas exerciam. Chama a atenção que o seu olhar retrospectivo para o período em que veio ao Acre, tratando dessas propagandas como ‘cantos das sereias’, porque as condições a que se submeteu contrastavam com o mar de oportunidades prometidas para ganho de dinheiro. Seu relato é de 1974, quando era um idoso com noventa e dois anos, vivendo em completo estado de pobreza e isso certamente pesou na avaliação que fez sobre seu passado⁷.

Esse contingente de pessoas era atraído ao Acre através dessa rede de propagandas que não informavam aos trabalhadores as condições que encontrariam nos seringais. Outra questão levantada pela fala é que até mesmo o turismo dos seringalistas pelo nordeste também servisse como atrativo, tendo em vista que o esbanjamento e investimentos que faziam eram usados como prova das oportunidades que a extração do látex trazia.

O paraense de Belém, José Carneiro Figueiredo confirma o encantamento provocado por esse ‘canto de sereia’, tendo em vista que em 1899 embarcou por conta

6 Ficha histórica de José Felipe Nery de 14/05/1974, fl. 02.

7 Requerimento de atestado de vida e residência ao Delegado Auxiliar de Rio Branco de José Felipe Nery de 19/10/1973.

própria no vapor Pauhiny em direção ao Acre. Desembarcou na vila Marechal Deodoro, do seringal Bagaço e ofereceu seus serviços ao proprietário do lugar. Pretendia ali ficar na extração do látex para juntar alguma economia, mas foi alocado para trabalhar no aviamento das colocações de produção da borracha. Acontece, porém, que em três anos Figueiredo juntou dinheiro suficiente para voltar a sua terra natal e “resolveu ir ao barracão de seu patrão acertar suas contas, quando foi surpreendido com a notícia da revolta dos brasileiros com os bolivianos”, deixando esse arranjo para depois⁸. Os anos passaram e somente em 1958 Figueiredo conseguiu voltar para sua terra natal, mas já estava idoso e não tinha sequer uma pequena poupança⁹.

O vale do Rio Acre era distante e se comparado aos grandes centros produtores de borracha da Amazônia brasileira, pequeno. Enquanto o Amazonas tinha em 1900 perto de duzentos e cinquenta mil habitantes, Cunha Matos estimava a população não indígena acreana entre dez a quinze mil pessoas. Seu relatório fala também que em Rio Branco, a maior vila da região, habitavam pouco mais de duzentos moradores divididos em vinte e duas casas¹⁰. Até mesmo os governantes das terras acreanas, que eram próximos dos seringalistas, tinham noção de que as condições de trabalho eram preponderantes para a pouca atratividade do Acre.

Um dos primeiros prefeitos departamentais do vale do Rio Acre, Gabino Besouro, registrou em seu relatório que havia nos seringais um sistema “defeituoso de pagamentos”. Dizia também que era necessária e urgente a implantação de um regime de contratos nessas propriedades, porque com a continuidade das dívidas, os conflitos entre patrões e fregueses (seringalistas e seringueiros) continuariam por muitas décadas¹¹.

De alguma maneira os seringueiros sabiam que Besouro era um pouco diferente dos seus patrões, encontrando nele um administrador capaz de abrir pequenas portas de diálogo a respeito das suas condições de trabalho. Diante disso os trabalhadores do Riozinho realizaram aquilo que o ex-prefeito chama literalmente de greve, saindo do seringal e indo acampar em frente à prefeitura de Rio Branco.

O prefeito informa que de imediato recebeu aquele grupo e após ouvir suas reclamações, achou justas as exigências. Anotou que procurou o proprietário do seringal e este resolveu atender as demandas solicitadas. A queixa dos seringueiros era que o seringalista do Riozinho comprava a borracha por preços muito baixos, o que tornava o aviamento ainda mais caro¹². Aquele canto de sereia discutido pelos seringueiros, que encobria os conflitos dos trabalhos dentro dos seringais, estava em

8 Ficha histórica de José Carneiro Figueiredo de 17/05/1974, fls. 1-2.

9 Termo de audiência de José Carneiro de Figueiredo de 08/05/1974.

10 MATOS, Cunha. Relatório de governo. 1904. Rio Branco: Tribunal de Justiça do Acre, 1999. p. 5; IBGE. Séries estatísticas e séries históricas. In: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>. Acessado em 28 de março de 2012.

11 BESOURO, Gabino. Relatório de governo. 1908. Rio Branco: Tribunal de Justiça do Acre, 1999. p. 102.

12 Id, ibid. p. 101.

descompasso com esses conflitos, não fosse a intervenção do prefeito porque poucos dias após a greve dos trabalhadores do Riozinho, diz que os seringueiros do Bagaço procederam da mesma forma, baixando da propriedade e vindo acampar em Rio Branco. Fala que as exigências foram parecidas e que procurou ouvir também o proprietário. Após as negociações, tanto o patrão quanto os seringueiros entraram em acordo. Nas palavras de Besouro

Com relativa facilidade tenho conseguido o meu intento, procurando obter dos patrões e fregueses às concessões recíprocas, que me parecem reclamadas com direito; ou convencendo-os, pelo conselho e cabíveis ponderações, dar sem razão das queixas, fazendo sentir os direitos de uns e outros e os deveres correspondentes¹³.

Essas observações de Besouro para o Ministério do Interior indicam que os seringueiros perceberam que poderiam ao menos tentar negociar melhores condições de trabalho, principalmente no que diz respeito aos pagamentos pela borracha produzida com os bens do aviamento. As falas dos seringueiros, filtradas pela narrativa do ex-prefeito, são evidências que esses trabalhadores não procuravam uma mudança completa da cadeia de aviamento, apenas reformas pontuais e locais a respeito dos preços praticados na compra da borracha. Pode-se visualizar também que esse grupo social sabia que sua condição era abusiva, principalmente no que diz respeito ao controle que estavam submetidos com relação às dívidas. Dívidas essas baseadas nos produtos dos aviamentos, que eram usados para pagar pela borracha e muito mais caros que os preços médios do mercado para os seringueiros.

O último relato demonstra, porém, que os seringueiros do vale do Rio Acre pegaram carona nessas duas manifestações e começaram a mostrar uma organização cuja resistência fosse mais incisiva. Poucos dias depois da greve no Bagaço, os trabalhadores do Catuaba resolveram tomar de assalto o seringal. O Catuaba era propriedade da firma The Mello Brazilian Rubber Company que tinha investido com outra empresa britânica quase 700.000 libras esterlinas entre 1907 e 1908 em seringais do Acre e do Mato Grosso¹⁴.

Nessa propriedade a firma havia colocado um gerente que era estranho à lógica de negociação com os trabalhadores da localidade, ou seja, ele substituiu um outro funcionário mais antigo e entrou logo em conflito com eles no que diz respeito ao fornecimento do aviamento. Os seringueiros tomaram a sede do seringal, prenderam o gerente, sua família e exigiram do prefeito um negociador no Catuaba.

Gabino Besouro diz que mandou para a região de conflito o delegado Manoel

13 Id, ibid.

14 BRÁS, Wenceslau. A borracha. Relatório entregue a Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro: Tribunal de Justiça, 1908.

Theophilo Maia, que era um dos sócios da empresa seringalista N & Maia e Companhia. Maia foi incumbido de negociar com ambas as partes, retornando dias depois da propriedade com um acordo selado. A firma tratou de demitir o gerente, colocando em seu lugar um antigo funcionário do barracão sede do seringal¹⁵.

Esses casos demonstram que os seringueiros enxergaram a possibilidade de que era possível modificar as condições em que trabalhavam, exigindo melhores condições nos preços praticados pelos aviadores. Mas isso não aliviava, de maneira geral, a rotina dessa mão de obra, tanto que Alfredo Alves Cordeiro elabora uma frase analítica sobre os dias dentro dos seringais, quando explicou certa vez que após os combates pelo Acre, “retornou na luta de seringueiro, isto é, na extração da borracha¹⁶. Esses homens consumiram anos de suas vidas e não constituíram um patrimônio mínimo sequer, não sem motivo a produção de borracha era associada a ideia de luta.

Essa luta poderia ser enfrentada em várias áreas, sendo uma das mais nocivas a que envolvia a saúde. A maioria das pessoas que pesquisamos relata alguma doença desenvolvida no cotidiano das colocações, mas os problemas que assolaram o casal João José de Castro e Maria de Nazaré foram severamente graves.

Quem faz um relato sobre a vida do casal foram os senhores Francisco Alvarez Nepomuceno e João Pinheiro de Souza, que atestaram conhecer ambos há mais de vinte anos em 1969. Dizem eles que os conhecidos chegaram ao vale do rio Acre em 1900, vindo trabalhar a mando do seringalista José Galdino no seringal Vitória. Em 1939, contudo, um surto de diarreia atingiu a região e seu João José faleceu em dezembro “após ter passado uns seis meses se virando pelas mãos de outros, sem assistência médica, pois lá não havia sequer enfermeiro”. A viúva residiu no mesmo seringal até 1955, quando uma dor de barriga foi lhe minando as forças, vindo a falecer em setembro¹⁷.

O chamariz promovido pelas falsas propagandas, o empreendedorismo de alguns trabalhadores e as condições extenuantes da extração do látex formavam a gênese desse canto da sereia envolvendo o cotidiano dos seringueiros. Anotamos, porém, que esses trabalhadores sabiam dos problemas que perpassavam seus trabalhos, que englobavam desde questões sobre a saúde até a remuneração recebida, considerada baixa pelos trabalhadores.

15 BESOURO, Gabino. Relatório de governo. 1908. Rio Branco: Tribunal de Justiça do Acre, 1999. pp. 101-102.

16 Ficha histórica de Alfredo Alves de Cordeiro de 11/10/1968.

17 Termo de declaração a respeito de João José de Castro de 01/01/1969.

Sobre as conquistas do Acre

Se os seringueiros passaram a entender o canto das sereias que lhes enganou, algo similar pode ser dito com relação ao envolvimento a que foram submetidos com a guerra pela posse do Acre. O grupo aqui levantado pode até ter vindo ao Acre por causa de seus interesses em trabalhar na cadeia de aviação, mas a entrada deles nesses conflitos entre brasileiros e bolivianos foi feita de maneira abrupta e obrigada pelos seringalistas proprietários dos locais onde trabalhavam.

Os seringalistas envolvidos nos conflitos tratavam de selecionar os seringueiros aptos para os combates, ou seja, aqueles que não tinham alguma deficiência física, doença ou os que deveriam continuar na extração do látex. José Felipe Nery conta que no seringal onde trabalhava, o Riozinho, o proprietário é quem pessoalmente ia nas colocações convocar os seus contratados. Esses escolhidos pelo coronel Antônio Antunes Alencar formaram o Batalhão Acreano, que tomou parte preponderante nos combates do Volta da Empreza e Porto Acre, sendo completamente desmobilizado após 24 de janeiro de 1903 e seus integrantes retornando imediatamente para o seringal¹⁸.

Essa convocação operada pelos seringalistas assumia, por vezes, um tom coercitivo muito violento. João Pereira do Nascimento nos informa que quando estava em sua colocação, a Revolta do seringal Bom Destino, foi “conduzido” ao barracão sede e lá “foi incluído” no Batalhão Acreano para ir lutar no cerco de Porto Acre entre 12 e 24 de janeiro de 1903¹⁹. Noutros casos, porém, os seringalistas se davam ao trabalho de fazer uma palestra aos seringueiros convocados ao serviço miliciano. José Carneiro Figueiredo diz que no seringal Bagaço o proprietário percorreu as colocações escolhendo os seringueiros aptos, chamando-os para a sede do lugar onde,

“após a exposição de motivos feita a todos os seringueiros que se achavam naquele momento, terminou dizendo que todos os seus seringueiros estavam recrutados para serem incluídos no Batalhão Liberdade e naquela ocasião iriam receber as instruções militares e de guerrilha nas selvas para poderem enfrentar as tropas regulares da Bolívia. Enquanto aqueles seringueiros recebiam instruções, chegava a notícia da derrota da primeira investida contra o Cel. Rosendo Rojas, no seringal Empresa sofrida por Plácido de Castro. Tendo escapado com 35 homens, dos quais 10 estavam feridos, Plácido de Castro ordenou a composição do Batalhão Liberdade com a finalidade de preparar a segunda investida que teve início a 5 de outubro”²⁰.

18 Ficha histórica de José Felipe Nery de 14/05/1974, fl. 02.

19 Ofício de João Pereira do Nascimento ao Ministério da Justiça de 09/07/1969.

20 Ficha histórica de José Carneiro de Figueiredo de 08/07/1974.

A exposição do seringalista, supomos, deveria conter algum conteúdo nacionalista a respeito da propriedade das terras acreanas e como seriam travados os combates, isso porque logo após a convocação os trabalhadores foram encaminhados a um curso mínimo de luta na selva. Até aquele momento eram tão somente extratores do látex sem qualquer preparo para uma guerra contra soldados profissionais, já que do lado boliviano teriam opositores das fileiras do exército. As lutas foram encarniçadas e Figueiredo foi alocado em um batalhão constituído para substituir outro, que fora completamente arrasado.

Não há relatos dos seringueiros sobre como eram os conteúdos das preleções dos seringalistas a respeito das lutas que operavam contra o governo boliviano, mas podemos fazer uma analogia com as falas posteriores desses patrões que ficaram guardadas em diversos jornais antigos do Acre. Em uma reportagem do jornal Folha do Acre de 1913 encontramos o coronel João d'Oliveira Rola homenageando Plácido de Castro, que tinha sido assassinado em 1908. Ele diz que

“Plácido tomou o comando do nosso exército e soube vencer, sem vacilações, tendo no seu espirito bem gravada a imagem alcandorada da Patria. Valeram-lhe, para a victoria, para o estupendo triumpho os seus dotes de guerreiro valente, a sua coragem, o seu extraordinário civismo; mas valeram-lhe também a coragem e o patriotismo dos soldados que se entregaram ao seu mando”²¹.

João d'Oliveira marca sua narrativa com um tom triunfante, patriota, transformando Plácido de Castro em um verdadeiro herói aos moldes da historiografia positiva. Certamente os seringalistas deveriam se dirigir aos seringueiros convocados nesses termos, apelando para um nacionalismo que no fundo escondia um serviço mercenário obrigatório.

Essas convocações eram realizadas dentro de uma lógica envolvendo o compadrio, alianças e relações próximas variadas entre os seringalistas e os cuidados que eles tinham em manter os seringais em pleno funcionamento. Quando trabalhava para Joaquim Victor, Euclides Ferraz Viana observou que quando ele decidiu lutar “pra valer” contra os bolivianos, determinou que seus encarregados escolhessem um número adequado de soldados para que o seringal São Jeronimo não parasse de funcionar. Ele diz que “tudo era feito de maneira que não ficasse o seringal desguarnecido de seringueiros para a fabricação de borracha, que era o maior sustentáculo do movimento revolucionário”²². José Henrique Junkings trabalhava para Antônio Miranda e observa que este decidiu entrar no conflito para não ficar marginalizado entre seus pares porque

21 Col. 5. Folha do Acre, Rio Branco, p. 1, 17 ago. 1913.

22 Ficha histórica de Euclides Ferraz Viana de 19/11/1973

era político e amigo de José de Carvalho, Miguel Ribeiro, José Galdino e, ao longo dos combates, tornou-se franco colaborador de Plácido de Castro²³.

A luta contra os bolivianos pela posse da terra do Acre tinha esse caráter central, dos seringalistas não ficarem marginalizados de seus pares. Na referida reportagem em que João d'Oliveira homenageia Plácido de Castro, ele fala dessas alianças ao afirmar que o líder da revolução teve como seguidores os graduados do exército acreano, “entre os quaes ressaltam as figuras heroicas de Gentil Norberto, Salinas, Baptista de Moraes, Brandão e outros”. E que esses mesmos operam as conquistas da civilização no Acre juntos sem nunca se abaterem, desde quando eram membros das primeiras caravanas que exploradores que aí aportaram²⁴. Ou seja, eles tinham ideais comuns e suas alianças remontavam aos tempos em que chegaram para tomar posse do vale do Rio Acre, sendo a guerra uma etapa desse trabalho entendido como civilizador.

Essas alianças eram preponderantes tanto quanto a manutenção dos seringais, logo as batalhas desenvolvidas ao longo do conflito deveriam obedecer os períodos de extração do látex, produção da borracha e seu despacho para Belém ou Manaus. O veterano Francisco Batalha Filho conta que em dezembro de 1900 lutou no “insucesso” na batalha do Riozinho, tendo que voltar logo após ao seringal Catuaba. Ficou trabalhando até 18 de setembro do ano seguinte, quando foi convocado para a batalha do Volta da Empreza e só retornou aos combates quase dois anos depois, tomando parte no cerco de Porto Acre entre 15 a 24 de janeiro de 1903. Com a desmobilização da tropa, retornou para “as anteriores atividades de seringueiro”²⁵.

Os seringueiros falam pouco das disputas em si. Há breves menções sobre as atividades que exerciam como notas curtas em frases que tinham como meta descrever os períodos em que lutavam, ou seja, se preocupavam mais em relatar os dias em que permaneceram em combates para provar que estavam lá, do que falar das armas que usaram (nenhum fala delas), quantos companheiros morreram ou a quantidade de bolivianos mortos. O único que se preocupa em descrever e analisar as violências que viveu foi Manoel de Lima Amorim.

Chegou ao Acre em 1899 com vinte e dois anos para trabalhar no seringal Nova União e lá foi recrutado em 1902 para os combates do Volta da Empreza e Forte de Veneza, onde foi baleado e encaminhado para a enfermaria do seringal Bom Destino. Ficou lá meses se recuperando até os combates de janeiro de 1903 no cerco de Porto Acre. Nessas lutas finais viu seu irmão João de Lima ser morto na própria trincheira brasileira e, poucos dias depois, ele mesmo foi baleado novamente. Ficou gravemente ferido, vindo a baixar para o hospital e sendo visitado por Plácido de Castro. Quando recebeu alta, não tinha mais condições físicas para trabalhar e retornou para a Paraíba,

23 Ficha histórica de José Henrique Jinkings de 13/12/1973

24 Col. 5. Folha do Acre, Rio Branco, p. 1, 17 ago. 1913.

25 Ficha histórica de Francisco Batalha Filho de 13/10/1959.

sua terra natal²⁶.

Os seringueiros estavam muito mais preocupados em cumprir com as ordens dos seringalistas ao serem convocados do que com a justeza da causa pelas posse do Acre, porque para eles era mais importante manter seus empregos do que assumir alguma justificativa em prol da revolução. Nesse sentido prestavam muito mais atenção em como eram convocados e quais as motivações dos seringalistas em entrar no conflito.

Considerações finais

Os conflitos pela posse da terra do Acre que envolveram brasileiros, bolivianos e peruanos entre o final do século XIX e início do XX tiveram vários contextos formadores onde seringueiros, seringalistas, índios e outros tomaram parte. O texto procurou elaborar uma narrativa analítica a partir algumas experiências dos seringueiros sobre como chegaram ao vale do rio Acre e porque lutaram pela posse dessa região. Avaliamos como eles nos contam como havia um canto de sereia propagandeando uma vida que não existia nos seringais, prometendo dinheiro fácil ao invés da pesada produção da borracha. Fica evidente que esses trabalhadores não aceitavam passivamente essa imposição, resistindo das maneiras que eram possíveis sem afetar de maneira geral a permanência em seus lugares de produção. Quanto as diversas lutas que foram sendo chamadas de revolução acreana, aparecem aqui completamente desprovidas de romance, sendo mergulhadas nas necessidades de manutenção mínima dessa mesma produção, que era a garantia de algum ganho para a sobrevivência desses trabalhadores.

Recebido em 26 de setembro de 2018.

Aprovado em 12 de dezembro de 2018.

26 Ficha histórica de Manoel de Lima Amorim de 5/12/ 1974, fls. 1-2.